



## Capítulo 07

# Expansão marítima e comercial



Colombo, de pé na proa de seu navio, observa uma pomba carregando uma bandeira representando Cristo na Cruz. Essa simbologia evoca a missão de paz e de evangelização de sua viagem. Ele veleja acompanhado por criaturas do mar e personagens mitológicas que emergem das ondas.

*Christophorus Columbus Ligur terroribus Oceani Superatis.* Burin (1522). Paris, BNF Burin [1522] Gravura de Theodore de Bry.

### A revolução geográfica

“... a expansão ibérica foi um misto de cruzada, rapina, pirataria, utopias edênicas e exóticas, comércio e expansão da fé e do império”. As grandes navegações e os descobrimentos, ocorridos em pleno Renascimento, revolucionaram a existência humana, por isso são também considerados marcos decisivos do início da Modernidade.

A revolução geográfica revelou ao europeu a verdadeira dimensão do espaço mundial, trouxe ao olhar dos navegantes novas sociedades, permitindo que se “descobrissem” e se relacionassem. É o início da mundialização, e o comércio será o meio de interligação de todas as áreas do globo. Os cosmógrafos e cartógrafos traçavam novas cartas náuticas a partir das experiências dos navegadores e não mais das crenças e dos mitos. As caravelas, que chegavam carregadas de ouro e especiarias, traziam uma mercadoria ainda mais preciosa: a informação. E, a cada retorno, uma nova informação permitia que o mapa-múndi fosse redesenhado. Velhos dogmas medievais foram negados empiricamente, e as fronteiras do conhecido foram empurradas para os limites da Terra.

O encontro dos povos do ultramar com os europeus provocou mudanças em suas existências. Para os ameríndios e africanos, representou dizimação e exploração e, para os europeus, possibilidades de poder, riquezas e de expansão do capitalismo.

### O comércio antes da expansão

A Europa medieval dependia exclusivamente do comércio árabe-italiano mediterrâneo para obter o “ouro das Índias”. Durante a Idade Média, principalmente após as Cruzadas, as cidades italianas, especialmente Gênova e Veneza, monopolizaram o comércio entre o ocidente feudal e o oriente (Império Bizantino e Islão).

O Mediterrâneo tornou-se o grande eixo comercial na Idade Média. Até chegar aos portos do Mediterrâneo, esse comércio era monopolizado pelos árabes. A partir daí, a circulação das mercadorias ficava sob o controle de Gênova e Veneza. Os comerciantes italianos forneciam aos nobres especiarias, tapeçarias, sedas e porcelanas asiáticas e chinesas, mercadorias que contribuíam para criar entre a elite feudal o gosto por produtos de luxo.

O comércio entre a cristandade e o Levante impunha um sério problema para os mercadores cristãos, pois os gêneros que eles forneciam não eram tão valiosos para os muçulmanos. Por isso, o ouro era o único meio de viabilizar a negociação, o que implicava um fluxo constante de metais para o oriente. Essa sangria monetária impôs, no século XIV, a busca de novas fontes de metais em outros continentes.

A expansão turco-otomana, concluída em 1453 com a queda de Constantinopla, representou o fim do Império Bizantino, dificultando

tando o comércio no Mediterrâneo, o que inflacionou a venda das mercadorias asiáticas e chinesas em Constantinopla e Alexandria.

Na primeira metade do século XV, algumas cidades do Magreb, no Norte da África, tornaram-se famosas pela afluência de ouro proveniente do Sudão.

Esse ouro, vindo em caravanas, chegava até Ceuta, Argel e Tânger. A lenda do Eldorado que tanto estimulou os navegantes teve sua origem na África, em função do ouro do Sudão. Os europeus, interessados no ouro, procuravam negociar ou assaltar essas cidades.

No entanto, a ausência de um Estado unificado, capaz de sustentar um assalto às cidades africanas, impedia os genoveses de o fazerem. Portugal, o primeiro Estado centralizado, passou a reunir condições para se impor como um poder naval, o que fez a partir de 1415.

## As tentativas de expansão

As viagens marítimas no Atlântico não tiveram início com os portugueses. O avanço otomano, dificultando o comércio entre a Europa e a Ásia, estimulou os venezianos, bolonheses e genoveses a tentar chegar ao Oriente pelo mar Vermelho; muitos atingiram o Índico e, em Calicute, negociaram com os indianos. Em meados do século XIII, Açores e Madeira foram descobertas pelos genoveses, mas sua colonização só ocorreu com os portugueses. Em 1291, os irmãos Vivaldi, também genoveses, tentaram ir à Índia pela rota atlântica, mas naufragaram. Somente os portugueses, com apoio real, puderam romper os limites do comércio mediterrâneo.

## Fatores da expansão marítima

**A crise feudal** - Os fatores responsáveis pela expansão se vinculam à situação de retração econômica provocada pela crise feudal, por isso pode-se afirmar que *“a crise do século XIV gerou a expansão no século XV”*.

Para superar as crises agrárias, era necessária a conquista de novas áreas produtoras de alimentos e matérias-primas.

Diante da crise demográfica, era necessário obter o domínio de populações não europeias. A escravidão africana resultou dessa demanda europeia.

A Europa vivia uma imensa carência de metais, daí a necessidade de buscar novas fontes de metais. A escassez de moedas ocorreu em função do esgotamento das minas da Alemanha e da natureza unilateral do comércio ocidente-oriente. O caráter cada vez mais monetário da economia e a organização dos estados modernos exigiam grande quantidade de metais preciosos para a cunhagem de moedas.

O controle de mercados de especiarias garantiria a superação da crise econômica e representaria uma nova fonte de renda para os monarcas. Esses produtos eram encontrados na Índia, China, Ceilão e Molucas. O acesso direto aos produtores motivou os portugueses a tentar encontrar uma nova rota pelo Atlântico, livre dos italianos e das ameaças turcas.

**Interesses envolvidos** - A participação dos diversos segmentos sociais na empreitada era justificada por interesses específicos de cada grupo.

A **Igreja Católica** participou da expansão e colonização por meio das ordens religiosas. Pretendia incorporar novas terras, ampliar a cristandade e bloquear a expansão islâmica no Norte da África.

A **nobreza**, enfraquecida, participou das expedições em busca de pilhagens, cargos de comando nas terras descobertas e de títulos, que expressavam honra e poder obtidos nas lutas a serviço do rei. Estava presente o espírito cruzadista, tão comum à nobreza, na medida em que os ataques se dirigiam contra áreas muçulmanas.

**Os mercadores**, ávidos por lucros, desejavam obter o controle do fornecimento de especiarias e produtos de luxo, tão requisitados por uma Europa que se urbanizava mas, para isso, precisavam romper o monopólio árabe-italiano. Setores da burguesia contribuíram financiando as expedições.

**Os monarcas**, interessados em uma nova fonte de riquezas, financiavam e empreendiam a expansão. A ampliação do aparato político, burocrático e militar, necessária para o fortalecimento do monarca, exigia grandes somas de capital.

**A redescoberta de Ptolomeu** - A redescoberta das concepções geográficas dos antigos contribuiu de forma expressiva para as expedições oceânicas e para a descoberta do Novo Mundo. Os humanistas, ao resgatar os saberes clássicos, permitiram que os conhecimentos geográficos produzidos chegassem aos navegantes e fossem utilizados como referências para suas viagens. Segundo Jean Delumeau, *“o regresso ao passado provocou um enorme salto para adiante”*.

A imensa produção científica de Claude Ptolomeu (90-168), matemático, astrônomo e geógrafo que viveu em Alexandria, foi redescoberta pelos humanistas. Seu trabalho foi de extrema importância para a ciência da Antiguidade. Ele descreveu o movimento do Sol, da Lua e dos planetas girando em redor da Terra. Essa concepção geocêntrica seria contestada mais tarde por Copérnico e Galileu.

Afirma também que os astros, em especial os planetas, influenciam o comportamento dos homens.

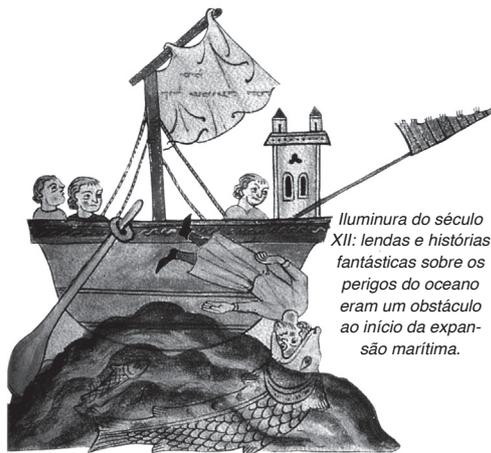
Na obra *Geografia*, Ptolomeu estabeleceu uma lista de coordenadas em longitude e latitude para numerosas localidades, além de afirmar a esfericidade da Terra e de apresentar uma medida do perímetro do Equador. Nesse aspecto, Ptolomeu, discordando de Eratóstenes, apresentou uma circunferência menor da Terra, aproximando, dessa forma, a Europa do Oriente, o que serviu de estímulo a Colombo para tentar chegar à China (Catai) pela rota ocidental.

No século V, por causa das invasões bárbaras, os livros e os mapas de Ptolomeu tornaram-se desconhecidos. Durante toda a Idade Média, embora não tenham desaparecido noções como a de esfericidade terrestre, eram comuns afirmações de que a Terra era um disco plano flutuante sobre as águas. Somente a partir do século XI, estudiosos árabes traduziram as obras gregas e preservaram a ciência de Ptolomeu. Em 1300, o monge grego Máximo Planude, com base na tradução árabe da obra *Geografia*, desenha os mapas de Ptolomeu.

Em 1406, o texto árabe é trazido de Constantinopla para Florença e traduzido para o latim. Graças aos humanistas, a geografia dos antigos chegou aos navegantes.

**Progressos técnicos renascentistas** - O desenvolvimento de instrumentos náuticos possibilitou a navegação oceânica, pois, com esse novo auxílio, avistar a terra não era mais necessário para navegar. Assim, águas desconhecidas puderam ser desbravadas. O astrolábio e o quadrante permitiam observar os astros para medir as distâncias e determinar a latitude. A bússola e as caravelas são outras inovações importantes. A experiência adquirida no Mediterrâneo foi aproveitada no Atlântico.

Os mapas marítimos medievais, confeccionados a partir de influências religiosas, serviram de apoio, no entanto, a navegação em mar aberto exigia novos mapas. As cartas náuticas deveriam ser precisas e objetivas.



Iluminação do século XII: lendas e histórias fantásticas sobre os perigos do oceano eram um obstáculo ao início da expansão marítima.

As obras de Ptolomeu permitiriam confeccionar mapas com novos recursos, como ampliar e reduzir distâncias com precisão, graduar meridianos, localizar áreas e mapear litorais. A invenção da imprensa, por Gutenberg, contribuiu para agilizar a produção e a difusão das informações, apesar do caráter secreto que tomavam as novas rotas das descobertas náuticas para os monarcas.

**Os desejos utópicos** - As utopias medievais foram uma das grandes motivações da expansão atlântica. Um conjunto de mitos e fábulas instigou os navegadores à busca de riquezas e novas terras que “minorassem os flagelos da velha cristandade” e permitissem expandir o cristianismo. Esses mitos, que “ocuparam durante toda a Idade Média a imaginação dos europeus”, vieram da Antiguidade pagã e do próprio Cristianismo.

Etimologicamente utopia significa “não lugar”, ou seja, aquilo que ainda não existe; é, portanto, um sonho, um desejo. Por constituírem um instrumento de crítica e de rejeição da realidade, com propostas de reforma, as utopias assumiam uma dimensão negadora, um caráter político; era uma forma de evasão do cotidiano.

Essa expectativa instigou os navegadores a se lançarem ao mar e a penetrarem nas mais inóspitas e desconhecidas regiões.

Contudo, a busca desses lugares redentores não estava livre dos medos de monstros marinhos, das pedras-ímãs – que atraíam os pregos dos navios desmantelando-os –, de imagens infernais e de mares tenebrosos.

As utopias variavam de acordo com as expectativas dos grupos sociais. A visão dos homens pobres revelava suas necessidades mais básicas. A terra da Cocanha, importante utopia do imaginário popular, era um local paradisíaco onde ninguém precisava trabalhar para ganhar a vida, e a fartura de riquezas não tinha limites. Nela, em oposição à fome e à pobreza, existiria o luxo e a abundância de alimentos. Essa visão fantasiosa popular foi também retratada pelas artes.

Jerusalém, a cidade sagrada, tão cobiçada pelos cruzados, foi colocada no centro do planeta, “era o umbigo do mundo”. O mapa-múndi, mesmo depois da descoberta da América, ainda sofria a influência da religiosidade. A racionalização das representações cartográficas não foi imediata.

O Jardim do Éden, imaginado e procurado por santos, poetas, e mercadores, foi a grande utopia dos medievos. A localização do Paraíso variou de acordo com a época e com quem o materializava. Foi idealizado como urbano ou agrário. Já esteve em terras asiáticas, africanas e depois na América.

A descoberta da América confirmou esse deslocamento. Colombo foi o primeiro a enxergar o Novo Mundo como o local do paraíso: “o paraíso terrestre, que só se pode alcançar por vontade divina, fica no fim do oriente. É neste lugar que estamos”. A partir de então, a América passou a ser a grande fonte dos sonhos e fantasias dos europeus, tornou-se “(...) o lugar privilegiado das mais diversas projeções do imaginário feudal, que nela edificou mitos edênicos e mitos depreciativos”. Thomas Morus idealizou a ilha *Utopus*, em 1516, onde não existiria propriedade privada e haveria uma distribuição equânime da riqueza; Aguirre perseguiu alucinadamente o Eldorado – região onde as terras, os montes e as montanhas eram de ouro puro; o dominicano Gaspar de Carvajal descreveu o país das amazonas, e Leon Pinelo, conselheiro do rei de Castela, afirmou que o Éden estava na Amazônia peruana.



Seres fantásticos imaginados pelos europeus.  
Cinocéfalos – homens com cabeça de cachorro  
Blêmios – homens sem cabeça, que tinham os olhos no peito.  
Ciápodas – homens que possuíam um único e enorme pé.  
Panotos – homens dotados de orelhas gigantes

Éthiopie. BnF, Manuscrits (Fr. 22971 fol. 20)

**O lendário Preste João** - Um dos mitos mais duradouros da época medieval, o reino de Preste João, foi mencionado pela primeira vez em 1145. Preste João era um rei cristão que comandava um vasto império, situado, primeiramente, na Ásia e depois transferido para a África, em que se encontravam as amazonas, as relíquias de São Tomé e a fonte da juventude. Segundo a lenda, Preste João teria 562 anos de idade, apesar de seu aspecto jovem, porque se banhava na própria fonte da juventude. No seu reino, não existiam corrupção, guerras ou violência. “Entre nós não existem pobres. Não existe entre nós nem roubo nem rapina, nem o adulator ou o avaro têm lugar aqui. Não há disputa entre nós. Os nossos homens abundam em todas as riquezas.” (Carta do Preste João das Índias, p. 76).

A expectativa de aliança com essa figura lendária possibilitaria conhecer o caminho até a Ásia, já que mercadores ocidentais chegavam ao Índico pelo Mar Vermelho, mas não conheciam a geografia e as rotas comerciais. Contavam também com o apoio militar contra os muçulmanos que dominavam o Norte da África.

A crença na existência de Preste João motivou, inclusive, empreendimentos políticos por parte de autoridades do mundo ocidental. Em 1177, o papa Alexandre III (1159-1181) teria enviado seu embaixador para solicitar ajuda contra os

muçulmanos. D. João II, em fins do século XV, quando organizava a viagem de Vasco da Gama, enviou embaixadores para obter informações sobre o Oriente. Em suma, a parêntese fantasia e ambição desvendou o mundo e construiu a América.

## Razões do pioneirismo lusitano

Portugal era considerado na Antiguidade uma região periférica, situada nos confins da Terra. No mundo moderno, tornou-se o centro econômico da Europa. Os fatores que o tornaram pioneiro são:

**Tradição em navegação** - Portugal era um país marítimo. Para os portugueses o mar sempre representou uma importante reserva alimentícia. A tradição pesqueira em navegação de cabotagem deu aos lusitanos ampla experiência naval. Lisboa, em função da sua localização, tornou-se importante entreposto comercial marítimo. Os navios italianos, em direção ao mar do Norte, atracavam em Lisboa para reparos e comércio, incrementando a circulação de informações náuticas.

**Monarquia centralizada** - O expansionismo foi um grande negócio empreendido pelo Estado. A precoce centralização garantiu que o monarca pudesse canalizar recursos públicos para a expansão oceânica. O Estado financiou expedições terrestres, viagens marítimas, construção de navios e de feitorias. Patrocinou estudos náuticos, astronômicos e cartográficos. Organizou exércitos que defendiam os interesses do império. Negociou com o papa, reis e príncipes tratados para garantir a posse das novas terras. Criou leis para organizar a conquista e exploração das áreas coloniais. Todas essas empreitadas denotam o papel precípua do Estado em impulsionar as navegações.



*O livro do humanista cristão Thomas Morus talvez seja o mais célebre desses mundos fantásticos em que se escaparia de todas as injustiças. Em sua obra "Utopia", Morus descreve a vida numa ilha em formato de lua crescente, na qual tudo é dividido igualmente entre as pessoas, onde não existe opressão e onde se vive confortavelmente. A descoberta do Novo Mundo permitiu ao imaginário utópico projetar as suas aspirações.*

A Revolução de Avis, ocorrida entre os anos 1383 e 1385, instalou no poder uma dinastia com estreitos vínculos com os mercadores. Com a morte do rei D. Fernando de Borgonha, a Coroa portuguesa ficaria sob domínio de Castela, já que a herdeira do trono estava casada com o rei de Castela. Em 1385, na famosa batalha de Aljubarrota, Portugal derrotou as tropas castelhanas, garantindo sua independência. Nasceu o Estado moderno português. À medida que o Estado se fortalecia, subordinando nobres e comerciantes, criavam-se as condições para as grandes viagens.

**Apoio do capital privado** - Desde D. Henrique (1394-1460), responsável pela expansão dos negócios entre a realeza e a classe burguesa, todos os monarcas estiveram associados ao capital privado. O apoio financeiro de mercadores lusitanos, de banqueiros flamengos e alemães foi fundamental para a realização das viagens. Inúmeras navegação eram armadas por mercadores particulares. As explorações marítimas implicaram a criação de monopólios de navegação e a obtenção de riqueza nas regiões descobertas. Essas oportunidades de enriquecimento induziram muitos estrangeiros a investir seus capitais em Portugal.

**Escola de Sagres** - O infante Dom Henrique, cognominado "O Navegador", foi "o patrono de uma aventura metódica e científica de caráter moderno". D. Henrique não via o mar-oceano como um obstáculo, mas "como uma ampla rota comercial ao redor do planeta" a ser explorada e dominada. Para empreender as navegações, começou a atrair cartógrafos, financistas, astrônomos e experientes navegantes, especialmente judeus que fugiam da Inquisição castelhana. A produção desses especialistas originou o mito da existência da escola de Sagres, que, na verdade, nunca existiu como uma escola. Era o conjunto de ações da Coroa em prol do expansionismo.

## Etapas da expansão lusitana

**Ceuta** - A conquista de Ceuta, em 1415, foi o marco inicial da expansão lusitana. Ceuta era um entreposto comercial muçulmano situado no Marrocos e atuava como importante centro irradiador do comércio africano: recebia mercadorias vindas da Pérsia, da Índia e até de Veneza. Era uma área de produção cerealífera, de criação de cavalos, de cabras e de fornecimento de tecidos, cera, mel e peixes. Atuava como "cabeça" de rota do ouro sudanês, trazido por mercadores beduínos.

A presença do Islamismo no Marrocos influenciava o imaginário português. O espírito cruzadista da nobreza fortaleceu a ambição de domínio sobre Ceuta. Ao atacar Ceuta, a nobreza estaria combatendo os infiéis; por isso, a ação expansionista foi uma espécie de guerra santa. No entanto, a conquista de Ceuta não deu aos portugueses o domínio das mercadorias tão cobiçadas: os muçulmanos desviaram suas rotas, isolando a cidade.

O fracasso impeliu o infante D. Henrique a direcionar sua expansão para o Sul da África, de onde provinha o ouro. Portugal organizou expedições, que foram avançando ao longo do litoral. À medida que avançavam, os portugueses estabeleciam seu domínio por meio de feitorias na costa africana e travavam contatos comerciais com os povos nativos. Iniciam-se, nesse período, as trocas de tecidos, ouro e trigo por escravos negros.

**O Bojador** - nome derivado de *bojo*, palavra de origem espanhola que significa saliência, proeminência -, localizado ao Sul das Ilhas Canárias, era um grande obstáculo para as expedições. Acreditava-se que, depois do cabo, começava o mar Tenebroso, onde "a água fumegaria sob o sol, imensas serpentes comeriam os marinheiros que caíssem no oceano, o ar seria envenenado, os brancos virariam pretos, haveria cobras com rostos humanos, dragões e canibais". O navegador Gil Eanes conseguiu, em 1434, ultrapassar o cabo e desmontar o mito que aterrorizava os navegantes. O mar Tenebroso havia sido subjulgado, e as expedições poderiam prosseguir.

**As feitorias** - À medida que a expansão avançava pela costa africana, os portugueses estabeleciam, no litoral, as feitorias. O sistema de feitorias, posto de comércio fortificado, foi a característica principal do modelo de exploração. O uso de feitorias tornou possível prescindir da conquista e colonização em larga

escala e deu aos portugueses a oportunidade de estabelecer sua presença em vastas áreas do globo sem a necessidade de penetrar no interior dos continentes.

- 1415 – Conquista de Ceuta.
- 1434 – Gil Eanes dobra o Cabo Bojador.
- 1441 – Chegada dos primeiros escravos negros em Portugal.
- 1453 – Os turcos conquistam Constantinopla, e os franceses derrotam os ingleses na Guerra dos Cem Anos.
- 1480 – Assinatura do Tratado Alcaçovas -Toledo.
- 1488 – Bartolomeu Dias contorna o Cabo das Tormentas, rebatizado de Cabo da Boa Esperança.
- 1498 – Vasco da Gama chega a Calicute.
- 1500 – Cabral se faz ao mar comandando a maior frota que já singrara o oceano, com a missão de instalar uma feitoria na Índia. Seguindo as orientações de Vasco, que avistara indícios de terra a Oeste, ao fazer a “volta do mar”, Cabral intencionalmente se volta para o Oeste. Em 22 de abril, Cabral aporta no Brasil.

## Etapas da expansão castelhana

Cristóvão Colombo, navegante genovês, com base nas informações de Ptolomeu, propunha chegar às Índias navegando pelo ocidente. Em 1484, submeteu seu plano de viagem a D. João II, rei de Portugal, que refutou a ideia devido à certeza de se chegar ao Índico contornando a África.

A Espanha ingressou na expansão marítima após o fim da Reconquista, cruzada contra os mouros. O fim se deu com a queda de Granada em 1492.

Interessados na expansão da fé cristã e nos lucros da viagem, os reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela, patrocinaram os planos de Colombo. Firmaram com o genovês um contrato, as Capitulaciones de Santa Fé, no qual se estabeleciam as condições da expansão. Esse documento concedia a Colombo títulos e cargos de comando sobre todas as terras que descobrisse. No mesmo ano, a rainha Isabel assinou um decreto de expulsão dos judeus da Espanha. A “descoberta” do Novo Mundo era, assim, acompanhada da oficialização da intolerância religiosa.

Em agosto de 1492, Colombo partiu do porto de Palos, comandando três caravelas, Santa Maria, Pinta e Nina, com a missão de chegar a Catai (China) e a Cipango (Japão). Navegando via ocidente, em 12 de outubro, chegou a uma ilha no Caribe, batizada por Colombo de São Salvador. Entretanto, Colombo não reconheceu ter chegado a um novo continente, pois acreditava estar próximo à China.

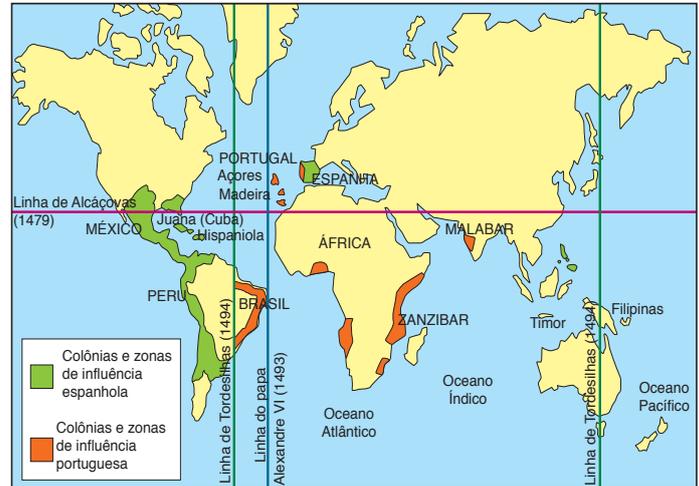
A expedição prosseguiu nos mares antilhanos e descobriu novas ilhas, nomeadas de Santa Maria de La Concepcion, Fernandina, Isabel e Joana. O ato de nomear, de rebatizar os lugares equivale a tomar posse. Além disso, a escolha dos nomes para as ilhas não foi aleatória: a cronologia dos batismos corresponde à hierarquia de importância dos nomes associados aos lugares, “a sequência será: Deus, a Virgem Maria, o rei, a rainha, as herdeiras por ordem de nascimento”.

## Os tratados de partilha do mundo

Com o retorno de Colombo, os reis católicos recorreram ao Papa Alexandre VI, a quem cabia decidir sobre os assuntos de âmbito internacional, para obterem bulas que assegurassem o direito de propriedade sobre as terras recém-descobertas.

Pelo direito canônico medieval, a jurisdição papal estendia-

-se sobre todo o universo. “Isso conferia ao Papa autoridade legítima para atribuir direitos de monopólio sobre mares e terras recém-descobertas a governantes que aceitassem evangelizá-las.” Em 1493, foi publicada a Bula *Inter Coetera* que concedia à Espanha o domínio das terras descobertas ou das que viessem a ser atingidas. Observe no mapa a linha divisória estabelecida 100 léguas a Oeste da Ilha de Cabo Verde: as terras situadas a Leste pertenceriam a Portugal e aquelas que ficavam a Oeste seriam de propriedade da Espanha.



As linhas impostas pelo papa dividiam o mundo entre Portugal e Espanha.

AGUILAR, Maria Lídia. *Trabalhando com mapas de história*. História do Brasil. Ática, 1992.

Com base no Tratado do Alcaçovas, Portugal tinha o domínio da região ao sul da linha estabelecida. A Bula Papal anulava esses direitos, por isso Portugal se opôs à decisão e ameaçou entrar em guerra. Para evitar o confronto, D. João II e os reis católicos reuniram-se em Tordesilhas, em 1494, e firmaram o Tratado de Tordesilhas, oficialmente denominado Capitulación da Partição do Mar-Oceano.

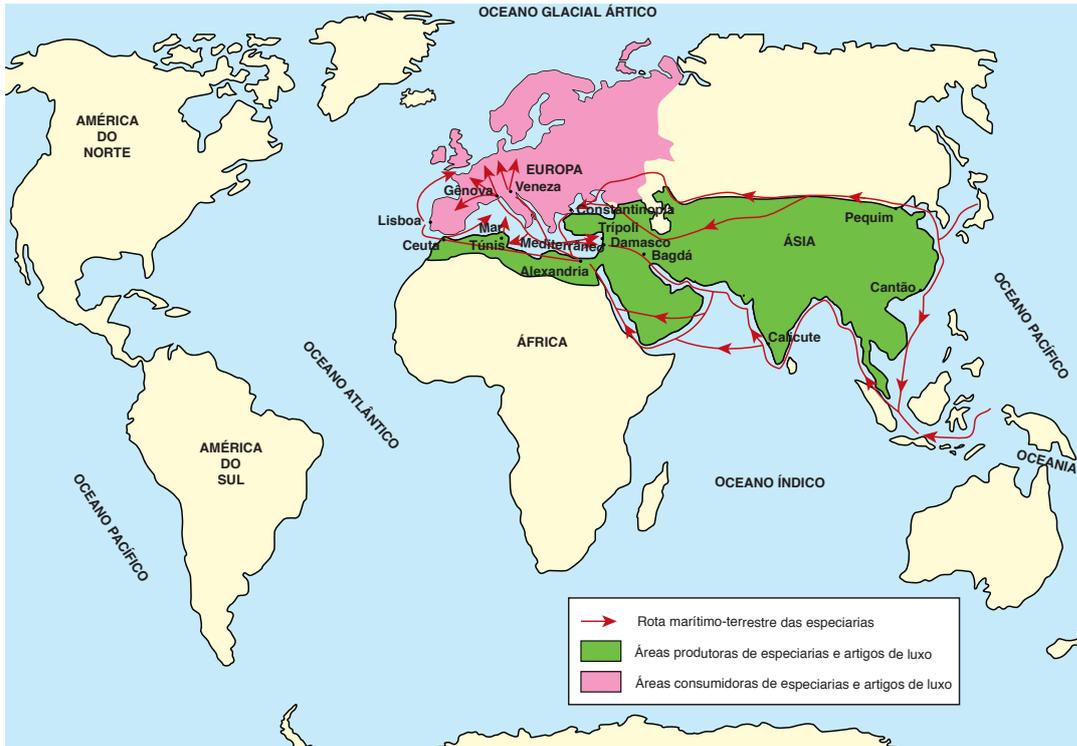
Foi estabelecida uma divisão a partir de 370 léguas a oeste da ilha de Cabo Verde. As terras situadas a leste pertenceriam a Portugal, e as situadas a oeste, à Espanha. Concluída a divisão do mundo, o rei da França, Luís XII, pronunciou o sarcástico comentário: “Em que artigo de seu testamento Adão repartiu a terra entre portugueses e espanhóis?”. No entanto, as nascentes monarquias não tinham condições políticas de opor-se à partilha.

## Repercussões do expansionismo marítimo

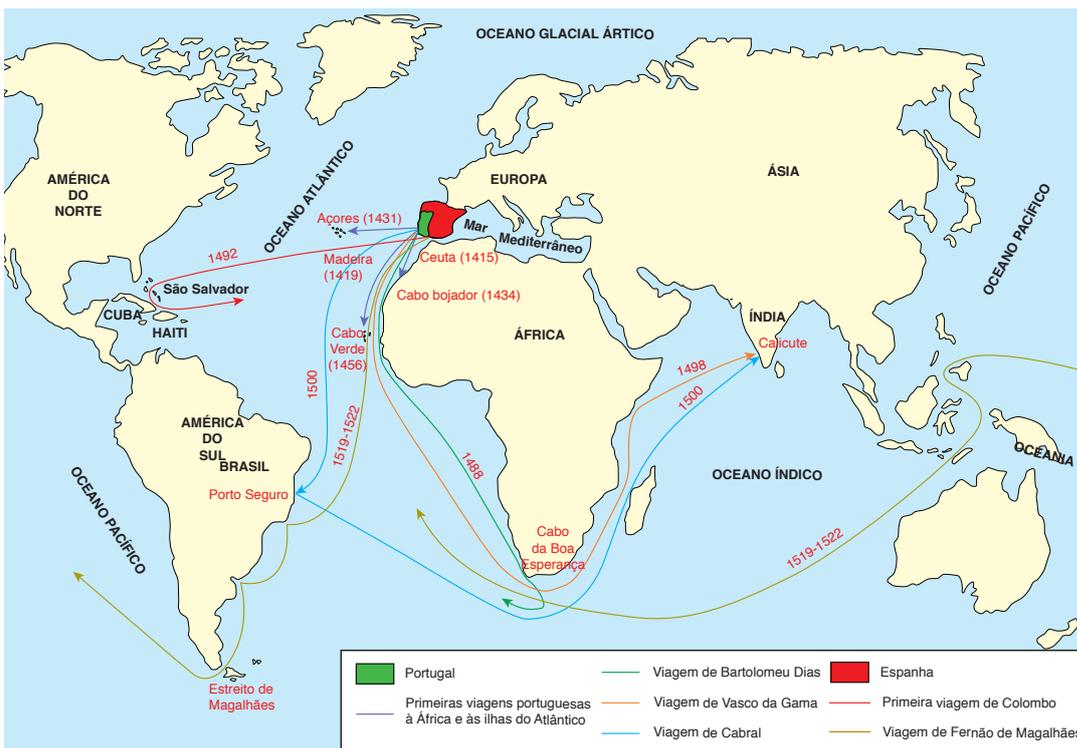
- O acesso direto à Índia alterou a geografia comercial, as rotas mercantis foram transferidas do Mediterrâneo para o Atlântico e o Índico, o que acarretou a quebra do monopólio italiano sobre o comércio de especiarias e o conseqüente declínio das cidades italianas. Portugal e Espanha foram os primeiros a assumirem uma condição de potência. O comércio passou a ter uma escala mundial, inaugurando o processo de mundialização econômica.
- Europeização do mundo: os novos povos foram integrados à civilização europeia, num processo de subordinação e aniquilamento da própria cultura.
- Portugal passou atuar como difusor de mercadorias africanas e asiáticas e detentor de conhecimentos náuticos, matemáticos e geográficos.
- Dinamização da economia europeia, superando a crise do século XIV. O grande afluxo de metais da América provocou uma alta inflacionária que ficou conhecida como Revolução dos Preços.

- Fortalecimento da intervenção do Estado na economia. O mercantilismo se consolidou e surgiram novas práticas: a exploração colonial e a formação de companhias monopolistas de comércio.
- Construção de uma nova concepção do tempo e do espaço. Racionalização do espaço – elaboração de uma nova concepção geográfica, proveniente de uma percepção mais real do mundo: mares e oceanos passaram a figurar nos mapas com maior precisão.
- Questionamento do princípio da autoridade da Igreja como critério de produção do saber. A experiência tornou-se o novo critério de verdade. Duarte Pacheco Pereira, navegador português, afirmou “a experiência é a madre das cousas, por ela soubemos radicalmente a verdade”.
- Embora a escravidão já existisse na maioria dos reinos da África, com a chegada dos portugueses, teve início o tráfico transatlântico voltado para a exploração colonial.

Rotas de navegação antes da expansão



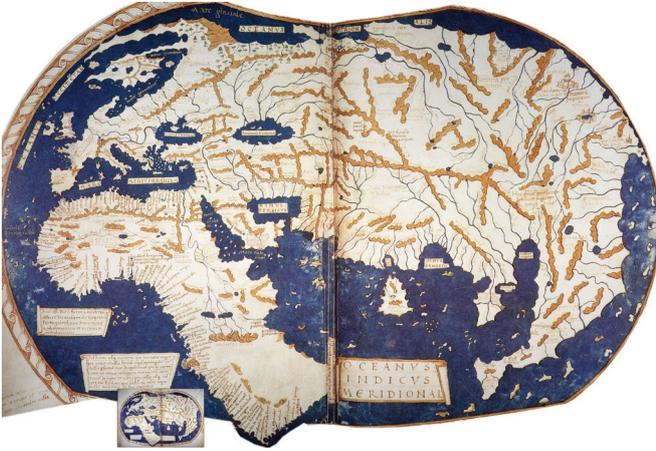
Rotas de navegação após a expansão



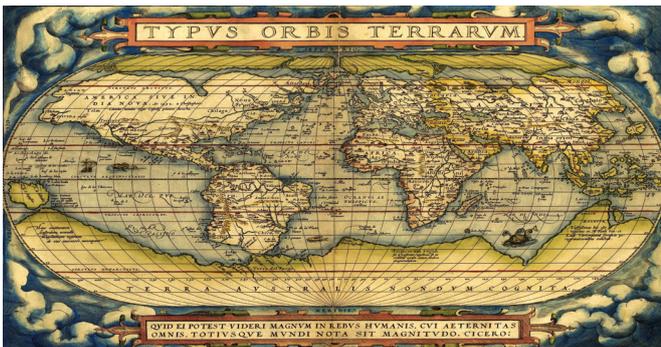
# Exercícios

## Exercícios orientados

1. (UFMG) Analise estes dois mapas-múndi, comparando-os:



Henricus Martellus, 1489. Londres: British Library.



Abraham Ortelius, *Theatrum Orbis Terrarum*, 1570.

A partir da análise e comparação desses mapas e considerando-se outros conhecimentos sobre o assunto, é **CORRETO** afirmar que

- A) a cartografia europeia, por razões religiosas, não assimilou o conhecimento dos povos indígenas acerca dos continentes recém-descobertos.
- B) a concepção de um mundo fechado, em oposição à ideia de um cosmos aberto, dominou a cartografia europeia até o século XVII.
- C) as navegações alteraram o conhecimento do mundo, à época, jogando por terra os mitos antigos sobre a inabitabilidade das zonas tórridas.
- D) os descobrimentos, em fins do século XV, resultaram da expansão do conhecimento do mundo alcançado pelos geógrafos do Renascimento.
2. (UFRGS) De acordo com Sérgio Buarque de Holanda “o gosto da maravilha e do mistério, quase inseparável da literatura de viagens na era dos grandes descobrimentos marítimos, ocupa espaço singularmente reduzido nos escritos quinhentistas dos portugueses sobre o Novo Mundo”.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 1.

Qual foi a motivação para essa redução?

- A) A língua portuguesa não estava suficientemente desenvolvida para expressar o gosto pelo maravilhoso e pelo mistério.
- B) Os portugueses tinham práticas anteriores com grandes navegações e o contato mais frequente com outros povos, sobretudo do Oriente.
- C) Os portugueses interessavam-se mais pelo México e pela América do Norte.
- D) A ocupação do Novo Mundo, sobretudo do Brasil, pelos portugueses foi imediata, o que amenizou o impacto inicial do contato.
- E) Os portugueses consideravam os povos indígenas e a natureza do Novo Mundo semelhante àquela encontrada na Europa.

3. (Mackenzie)



Os homens que saíram para o Atlântico em 1492 não tinham a certeza de que chegariam às Índias, apesar do incentivo de Colombo nesse sentido. Em 12 de outubro daquele ano, um Novo Mundo se descortinou àqueles homens, extasiados com as diversas possibilidades daquela “descoberta”. A partir daquele momento, civilizações diferentes – em diversos sentidos – entrariam em contato, alterando definitivamente os rumos históricos de ambas as partes (nativos e europeus). Nesse sentido, a gravura

- A) contém elementos que indicam a visão, entre os séculos XVI e XVII, de uma América exótica e exuberante que ainda povoava o imaginário europeu.
- B) demonstra que as guerras entre os povos ameríndios era uma prática combatida pelos europeus e, por isso, extinta do continente.
- C) que é encomendada pelas coroas ibéricas, revela a preocupação em demonstrar uma América exótica e perigosa e, assim, evitar ataques piratas ao continente.
- D) enfatiza a existência de fauna e flora muito diferentes do continente europeu, representando animais efetivamente encontrados pelos colonizadores.
- E) procura desqualificar práticas habituais das ameríndias, como a nudez, ao representar uma mulher sentada sobre um animal exótico.

4. (FGV) Leia o texto.

Após os primeiros contatos particularmente violentos com a África negra, os portugueses viram-se obrigados a mudar de política, diante da firme resistência das populações costeiras. Assim, empenharam-se, principalmente, em ganhar a confiança dos soberanos locais. Os reis de Portugal enviaram numerosas missões diplomáticas a seus homólogos da África ocidental. Assim, entre 1481 e 1495, D. João II de Portugal enviou embaixadas ao rei do Futa, ao koi de Tombuctu e ao mansa do Mali.

Duas missões diplomáticas foram enviadas ao Mali, mostrando a importância que o soberano português atribuía a esse país. A primeira partiu pelo Gâmbia, a segunda partiu do forte de Elmina. O mansa que as recebeu, era filho do mansa Ule (Wule) e neto do mansa (...).

Madina Ly-Tall, O declínio do Império do Mali. In Djibril Tamsir (editor), História geral da África, IV: África do século XII ao XVI.

No contexto apresentado, o Império português mudou a sua estratégia política, pois

- A) encontrou um povo que desconhecia o uso da moeda na prática comercial.
- B) descobriu tribos que não passaram pelas etapas do desenvolvimento histórico, como o feudalismo.
- C) reconheceu a presença de um Estado marcado por sólidas estruturas políticas.
- D) identificou a tendência africana em refutar todas as influências externas ao continente.
- E) percebeu na África, em geral, a produção voltada apenas para as trocas ritualísticas.

5. (Unicamp) Referindo-se à expansão marítima dos séculos XV e XVI, o poeta português Fernando Pessoa escreveu, em 1922, no poema “Padrão”:

“E ao imenso e possível oceano  
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,  
Que o mar com fim será grego ou romano:  
O mar sem fim é português.”

(Fernando Pessoa, Mensagem – poemas esotéricos. Madri: ALLCA XX, 1997, p. 49.)

Nestes versos identificamos uma comparação entre dois processos históricos. É válido afirmar que o poema compara

- A) o sistema de colonização da Idade Moderna aos sistemas de colonização da Antiguidade Clássica: a navegação oceânica tornou possível aos portugueses o tráfico de escravos para suas colônias, enquanto gregos e romanos utilizavam servos presos à terra.
- B) o alcance da expansão marítima portuguesa da Idade Moderna aos processos de colonização da Antiguidade Clássica: enquanto o domínio grego e romano se limitava ao mar Mediterrâneo, o domínio português expandiu-se pelos oceanos Atlântico e Índico.
- C) a localização geográfica das possessões coloniais dos impérios antigos e modernos: as cidades-estado gregas e depois o Império Romano se limitaram a expandir seus domínios pela Europa, ao passo que Portugal fundou colônias na costa do norte da África.
- D) a duração dos impérios antigos e modernos: enquanto o domínio de gregos e romanos sobre os mares teve um fim com as guerras do Peloponeso e Púnicas, respectivamente, Portugal figurou como a maior potência marítima até a independência de suas colônias.

Exercícios complementares

6. (MACKENZIE) Durante o século XVI a chegada à Europa de grande quantidade de prata e ouro provenientes das Colônias Espanholas na América provocou:

- A) o desenvolvimento de manufaturas nos países da Península Ibérica.
- B) um déficit financeiro das metrópoles nas relações comerciais com suas colônias.
- C) um processo inflacionário denominado “revolução dos preços”.
- D) a desestruturação do sistema mercantil e o fim da acumulação primitiva de capital.
- E) a instituição de moedas nacionais como padrões nas trocas internacionais.

7. (UFG) Analise a imagem.



Inaugurado em 1960, como parte das celebrações dos 500 anos da morte de Dom Henrique, o Monumento aos Descobrimentos evoca a expansão marítima portuguesa dos séculos XV e XVI.

Essa evocação associa-se à

- A) idealização do império português, identificando-o com as concepções do regime salazarista.
- B) opulência portuguesa na modernidade, comparando-a com a economia do país na Europa contemporânea.
- C) relevância do comércio atlântico, patrocinando uma reinterpretação do tráfico de escravos.
- D) colonização portuguesa na América, reforçando a contribuição dos colonizados para a nação ibérica.
- E) crença sebastianista, enfatizando a expansão territorial como expressão do imperialismo português.

8. (UFMG) O Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494,

- A) foi elaborado segundo os mais modernos conhecimentos cartográficos, baseados nas teorias do geógrafo e astrônomo grego Ptolomeu.
- B) foi respeitado pelos portugueses até o século XVIII, quando novas negociações resultaram no Tratado de Madri.
- C) nasceu de uma atitude inovadora na época: a de resolver problemas políticos entre nações concorrentes pela via diplomática.
- D) resultou da ação dos monarcas espanhóis que resistiram à adoção da Bula *Inter coetera*, contrária aos seus interesses.
- E) surgiu da necessidade de definir a posse do território brasileiro disputado por Portugal e Espanha.

9. (Uemg) Observe o mapa, a seguir:



Esse mapa-múndi, produzido em 1512 pelo veneziano Jerônimo Marini, é a primeira carta onde aparece o nome Brasil para designar as terras até então conhecidas como Vera Cruz, Santa Cruz, ou Papagaios. Desenhado em pergaminho, é um dos poucos mapas manuscritos do início do século XVI, hoje existentes.

Considerando o mapa apresentado e o contexto político, econômico e cultural em que foi produzido, assinale, a seguir, a alternativa CORRETA:

- A) O mapa apresenta uma visão de mundo veneziana orientada pelo sul, com possíveis influências árabes, valorizando a Ásia que atraía os europeus em função de suas especiarias.
- B) O mapa foi produzido a pedido dos portugueses, pois estes tinham pouco conhecimento do mar, diferentemente dos venezianos, que já haviam iniciado seu processo de expansão.
- C) O mapa tem a África como centro, já que, nesta época, os europeus passaram a conhecer melhor civilizações africanas, como a egípcia, a ashanti e a zulu, e passaram a valorizar mais o continente.
- D) A representação geográfica em questão é um famoso erro histórico, no qual Marini, como grande renascentista, quis inverter o mapa, buscando demonstrar a relatividade da ciência.
10. (PUC) “Os espanhóis descobriram a América”. O conceito “descoberta” expressa:
- A) Uma visão eurocêntrica que reconhece os valores culturais do outro.
- B) A idéia de que os povos indígenas americanos possuíam uma cultura diferente.
- C) O encontro de duas sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento.
- D) A importância que os espanhóis deram às riquezas minerais encontradas.
- E) Uma visão europeizante que pressupõe a superioridade da civilização européia.
11. (Cesgranrio) Com a expansão marítima dos séculos XV/ XVI, os países ibéricos desenvolveram a ideia de “império ultramarino” significando
- A) a ocupação de pontos estratégicos e o domínio das rotas marítimas, a fim de assegurar a acumulação do capital mercantil.

- B) o estabelecimento das regras que definem o Sistema Colonial nas relações entre as metrópoles e as demais áreas do “império” para estabelecer as ideias de liberdade comercial.
- C) a integração econômica entre várias partes de cada “império” através do comércio intercolonial e da livre-circulação dos indivíduos.
- D) a projeção da autoridade soberana e centralizadora das respectivas coroas e sobre tudo e todos situados no interior desse “império”.
- E) a junção da autoridade temporal com a espiritual através da criação do Império da Cristandade.

12. (Espcex (Aman) 2018) No início do século XIV, a China era a maior potência mundial e empenhava-se intensamente na expansão marítima e comercial, chegando à Índia, quase um século antes de Cabral. Os chineses estiveram no sul da África Oriental e no Mar Vermelho, enquanto os portugueses mal iniciavam sua exploração na costa norte da África. Entretanto, antes de 1440, a expansão marítima chinesa estagnou. Aponte, dentre as opções abaixo, aquela que apresenta a causa para o sucesso da exploração marítima portuguesa.

- A) O fato de os portugueses não terem desenvolvido tecnologias relacionadas à navegação ultramarina não afetou suas ações exploratórias
- B) Em Portugal, a centralização monárquica só ocorreria no final do Século XIII, sendo este fato de pouca influência no processo exploratório dos portugueses além-mar.
- C) As finanças portuguesas não estavam estabilizadas e dificultaram os investimentos necessários para os projetos relacionados às navegações, o que fez com que D. Henrique procurasse financiamento público com os soberanos espanhóis.
- D) Portugal, apesar da guerra de emancipação política com a Espanha, manteve a busca por conhecimento para a consecução das grandes navegações.
- E) Em Portugal, as explorações foram conduzidas com recursos de empresas comerciais privadas e apoio governamental.

13. (UFG) Colombo fala dos homens que vê unicamente porque estes, afinal, também fazem parte da paisagem. Suas menções aos habitantes das ilhas aparecem sempre no meio de anotações sobre a Natureza, em algum lugar entre os pássaros e as árvores.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 33.

A passagem acima ressalta que a atitude de Colombo decorre de seu olhar em relação ao outro. Essa posição, expressa nas crônicas da Conquista, pode ser traduzida pela

- A) interpretação positiva do outro, associando-a à preservação da Natureza.
- B) identificação com o outro, possibilitando uma atitude de reconhecimento e inclusão.
- C) universalização dos valores ocidentais, hierarquizando as formas de relação com o outro.
- D) compreensão do universo de significações do outro, permitindo suas manifestações religiosas.
- E) desnaturalização da cultura do outro, valorizando seu código linguístico.

14. (Unifesp) Se como conluiu que acontecerá, persistir esta viagem de Lisboa para Calecute, que já se iniciou, deverão faltar as especiarias às galés venezianas e aos seus mercadores.  
*Diário de Girolamo Priuli. Julho de 1501*

Esta afirmação evidencia que Veneza estava

- A) tomada de surpresa pela chegada dos portugueses à Índia, razão pela qual entrou em rápida e acentuada decadência econômica.
- B) acompanhando atentamente as navegações portuguesas no Oriente, as quais iriam trazer prejuízos ao seu comércio.
- C) despreocupada com a abertura de uma nova rota pelos portugueses, pois isto não iria afetar seu comércio e suas manufaturas.
- D) impotente para resistir ao monopólio que os portugueses iriam estabelecer no comércio de especiarias pelo Mediterrâneo.
- E) articulando uma aliança com outros estados italianos para anular os eventuais prejuízos decorrentes das navegações portuguesas.

15. (FGV 2014) Sobre as relações entre os reinos ibéricos e a expansão ultramarina, é correto afirmar que a

- A) centralização do poder no reino português só ocorreu após a vitória contra os muçulmanos na guerra de Reconquista, o que garantiu o estabelecimento de alianças diplomáticas com os demais reinos ibéricos, condição para sanar a crise do feudalismo por meio da expansão ultramarina.
- B) guerra de Reconquista teve papel importante na organização do Estado português, uma vez que reforçou o poder do rei como chefe político e militar, garantindo a centralização do poder, requisito para mobilizar recursos a fim de bancar a expansão marítima e comercial.
- C) canalização de recursos, organizada pelo Estado português para a expansão ultramarina, só foi possível com a preciosa ajuda do capital dos demais reinos da península Ibérica na guerra de Reconquista, interessados em expulsar o invasor muçulmano que havia fechado o rentável comércio no Mediterrâneo.
- D) expansão marítima e comercial precisou de recursos promovidos pelo reino português, ainda não unificado, que usou a guerra de Reconquista para garantir a sua unificação política contra os demais reinos ibéricos, que lutavam ao lado dos muçulmanos como forma de impedir o fortalecimento do futuro Estado luso.
- E) vitória do reino de Portugal contra os muçulmanos foi garantida pela ajuda militar e financeira do Estado espanhol, já unificado, o que permitiu também a expansão marítima e comercial, condição essencial para o fim da crise do feudalismo na Europa Ocidental.

16. (UNIRIO) Ao longo dos séculos XV e XVI desenvolveram-se na Europa as Grandes Navegações, que lançaram algumas nações à descoberta de novas terras e continentes. A expansão ultramarina acarretou:

- A) fortalecimento do comércio mediterrâneo e das rotas terrestres para o oriente.
- B) fim dos monopólios reais na exploração de diversas atividades econômicas, tais como o sal e o diamante.
- C) declínio das monarquias nacionais apoiadas por segmentos citadinos burgueses.

- D) superação dos entraves medievais com o desenvolvimento da economia mercantil.
- E) consolidação política e econômica da nobreza provincial ligada aos senhorios e à propriedade fundiária.

17. (FJP) A expansão ultramarina portuguesa representou tanto uma importante renovação nas “técnicas de marear”, quanto um poderoso incentivo a uma mudança da mentalidade.

Todas as afirmativas confirmam esse argumento, **EXCETO**:

- A) A certeza do equívoco das antigas concepções geográficas levou à valorização do conhecimento baseado na experiência humana.
- B) A desmistificação do imaginário fantástico possibilitou a ausência de princípios religiosos importantes na colonização do Novo Mundo.
- C) As constantes descobertas de novas terras e de novas “humanidades” abalaram as lendas sobre a existência do Paraíso Terrestre.
- D) O aperfeiçoamento de instrumentos, como o quadrante e o astrolábio, permitiu a localização dos navios pelo exame da posição dos astros celestes.
- E) O desenvolvimento da arquitetura naval permitiu a construção das caravelas, embarcações mais leves, que se aproximavam mais facilmente da terra firme.

18. (Fuvest) Deve-se notar que a ênfase dada à faceta cruzadística da expansão portuguesa não implica, de modo algum, que os interesses comerciais estivessem dela ausentes – como tampouco o haviam estado das cruzadas do Levante, em boa parte manejadas e financiadas pela burguesia das repúblicas marítimas da Itália. Tão mesclados andavam os desejos de dilatar o território cristão com as aspirações por lucro mercantil que, na sua oração de obediência ao pontífice romano, D. João II não hesitava em mencionar entre os serviços prestados por Portugal à cristandade o trato do ouro da Mina, “comércio tão santo, tão seguro e tão ativo” que o nome do Salvador, “nunca antes nem de ouvir dizer conhecido”, ressoava agora nas plagas africanas  
Luiz Felipe Thomaz, “D. Manuel, a Índia e o Brasil”. Revista de História (USP), 161, 2º Semestre de 2009, p.16-17. Adaptado.

Com base na afirmação do autor, pode-se dizer que a expansão portuguesa dos séculos XV e XVI foi um empreendimento

- A) puramente religioso, bem diferente das cruzadas dos séculos anteriores, já que essas eram, na realidade, grandes empresas comerciais financiadas pela burguesia italiana.
- B) ao mesmo tempo religioso e comercial, já que era comum, à época, a concepção de que a expansão da cristandade servia à expansão econômica e vice-versa.
- C) por meio do qual os desejos por expansão territorial portuguesa, dilatação da fé cristã e conquista de novos mercados para a economia europeia mostrar-se-iam incompatíveis.
- D) militar, assim como as cruzadas dos séculos anteriores, e no qual objetivos econômicos e religiosos surgiriam como complemento apenas ocasional.
- E) que visava, exclusivamente, lucrar com o comércio intercontinental, a despeito de, oficialmente, autoridades políticas e religiosas afirmarem que seu único objetivo era a expansão da fé cristã.

19. (Unesp) A conquista de Ceuta foi o primeiro passo na execução de um vasto plano, a um tempo religioso, político e econômico. A posição de Ceuta facilitava a repressão da pirataria mourisca nos mares vizinhos; e sua posse, seguida de outras áreas marroquinas, permitiria aos portugueses desafiar os ataques muçulmanos à cristandade da Península Ibérica.”

João Lúcio de Azevedo. *Época de Portugal econômico: esboços históricos.*

De acordo com o texto, é **CORRETO** interpretar que

- A) a expansão marítima portuguesa teve como objetivo expulsar os muçulmanos da Península Ibérica.  
 B) a influência do poder econômico marroquino foi decisiva para o desenvolvimento das navegações portuguesas.  
 C) o domínio dos portugueses sobre Ceuta era parte de um vasto plano para expulsar os muçulmanos do comércio africano e indiano.  
 D) a expansão marítima ibérica visava cristianizar o mundo muçulmano para dominar as rotas comerciais africanas.  
 E) o domínio de territórios ao norte da África foi uma etapa fundamental para a expansão comercial e religiosa de Portugal.
20. (UFPR) “Eu, Preste João, sou o Senhor dos Senhores e me vantagem a todos os reis da terra inteira em todas as abundâncias que existem debaixo do céu, em força e em poder. A Nossa Magnificência domina as três Índias; o nosso território começa na Índia posterior, na qual repousa o corpo do apóstolo São Tomé, estende-se pelo deserto em direção ao berço do sol, e desce até a deserta Babilônia, contígua à torre de Babel(...) Na nossa terra nascem e crescem elefantes, dromedários, camelos, hipopótamos, crocodilos, metagalináceos, grifos, (...) homens com cornos, faunos, sátiros e mulheres da mesma raça, pigmeus, cinocéfalos, gigantes cuja altura é de quarenta côvados, monóculos, ciclopes (...) e quase todo o gênero de animais que existem debaixo do céu.”

Disponível em: <http://www.ricardocosta.com>. Acesso em: 05 jul.2006.

O texto acima é um fragmento da “carta do Preste João” (apócrifa) – do século XII – endereçada ao imperador de Bizâncio. Preste João, um rei padre que se dizia cristão, declarava-se senhor das três Índias e dono de riquezas fabulosas.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a Idade Média, é **CORRETO** afirmar:

- A) Na época representada no texto, predominavam geografias imprecisas e imaginárias, onde o maravilhoso e o estranho preenchem o lugar do desconhecido, que só as grandes viagens de navegação dos séculos XV e XVI permitiram questionar.  
 B) No período retratado, devido à influência exercida pela Igreja Católica na Europa, textos como a Carta de Preste João careciam de crédito, posto que a literatura clássica de origem greco-romana estava enraizada na cultura dos camponeses no medievo.  
 C) O texto de Preste João revela uma profunda sintonia com o imaginário medieval europeu, que situava todas as maravilhas terrestres no ponto mais extremo do Ocidente, localizadas por alguns estudiosos do século XII na América.

- D) Os escritos resultantes das viagens ao mundo “além-Mediterrâneo”, por abordarem uma humanidade fantástica, eram desconsiderados na Idade Média, em razão da existência de rígidas barreiras entre a literatura científica e a literatura da fantasia.  
 E) Quando Cristóvão Colombo concebeu suas viagens de navegação, os conhecimentos geográficos disponíveis, principalmente os mapas de Toscanelli e a Geografia de Ptolomeu, haviam eliminado quaisquer resquícios da mentalidade do medievo.

21. (Mackenzie)

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
 Se a alma não é pequena.  
 Quem quer passar além do Bojador  
 Tem que passar além da dor.  
 Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,  
 Mas nelle é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa

O significado de “passar além do Bojador”, nas primeiras décadas do século XV, é

- A) ultrapassar a “barreira” que, segundo a tradição grega, era o limite máximo para navegar sem o perigo de ser atacado por monstros marinhos, permitindo aos navegantes portugueses atingir a Costa da Guiné.  
 B) conquistar Ceuta e encontrar o “Eldorado”, lendária terra repleta de prazeres e riquezas, superando os mitos vinculados ao longo da Idade Média.  
 C) conquistar a cidade africana de Calicute, importante feitoria espanhola responsável por abastecer o mercado oriental de produtos de luxo.  
 D) suportar o escaldante sol equatorial, as constantes tempestades marítimas e o “mar tenebroso” das ilhas da América Central.  
 E) “dobrar” o Cabo da Boa Esperança, por Vasco da Gama, aventura marítima coberta de mitos e lendas sobre a existência do “Paraíso” ou “Éden”.

### Gabarito

#### Exercícios orientados

1. C      2. B      3. A      4. C      5. B

#### Exercícios complementares

6. C      10. E      14. B      18. B  
 7. A      11. D      15. B      19. E  
 8. C      12. E      16. D      20. A  
 9. A      13. C      17. B      21. A

pra saber +



Acesse a plataforma

<https://goo.gl/3Gh56J>